

Publication status: Not informed by the submitting author

# FROM BOURDIEU'S MASTER MASON TO MASON'S STREET: HABITUS AND RIGHTS TO UNIVERSITY IN BRAZIL

Sérgio José Custódio

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4727>

Submitted on: 2022-09-09

Posted on: 2022-10-20 (version 1)

(YYYY-MM-DD)

ARTIGO

**DOS MESTRES PEDREIROS DE BOURDIEU À RUA DOS PEDREIROS: HABITUS, DIREITO À UNIVERSIDADE NO BRASIL**

SÉRGIO JOSÉ CUSTÓDIO<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9019-8564>

**RESUMO:** O artigo explora a relação histórica entre efeito de lugar e indício de mudança na questão do direito à universidade no Brasil. Vai até o conceito e até a prática social em dois passos. O objetivo é mostrar a relevância da noção de *habitus* para os estudos em educação, beber da fonte deste jogo conceitual em Pierre Bourdieu, perceber essa noção junto com a noção de efeito de lugar, em termos comparativos, seja para a periferia francesa, seja para a periferia brasileira, na busca da compreensão de indícios de mudança educacional no Brasil, por meio da luta de novíssimos agentes sociais pelo direito à universidade nas margens do campo educacional. A metodologia vale-se de estudo conceitual, do paradigma indiciário, de análise de uma amostra de documentos em um cursinho popular e da derivação de operadores lógicos para a mudança relevante em educação na margem do campo educacional. A conclusão é a percepção do surgimento de uma revolução na educação do Brasil, que brota desde o chão da periferia, o chão da dor, como um clamor e como uma prática social inscrita nos corpos, abrigada no cotidiano de pessoas, um clamor que mudaria a cara da universidade brasileira, ao tempo em que questiona estigmas arraigados como doxa.

**Palavras-chave:** revolução na educação, efeito de lugar, periferia, habitus, sem-universidade.

**FROM BOURDIEU'S MASTER MASON TO MASON'S STREET: HABITUS, RIGHTS TO UNIVERSITY IN BRAZIL.**

**ABSTRACT:** The article explores the historical relationship between the effect of place and evidence of change in the issue of the right to university in Brazil. It goes to the concept and to the social practice in two steps. The objective is to show the relevance of the notion of habitus for studies in education, to drink from the source of this conceptual game in Pierre Bourdieu, to perceive this notion together with the notion of the effect of place, in comparative terms, either for the French periphery or for the Brazilian periphery, in the search for an understanding of signs of educational change in Brazil, through the struggle of brand new social agents for the right to the university on the margins of the educational field. The methodology uses a conceptual study, the evidential paradigm, the analysis of a sample of documents in a popular pre-college course and the derivation of logical operators for the relevant change in education at the margin of the educational field. The conclusion is the perception of the emergence of a revolution in education in Brazil, which springs from the ground of the periphery, the ground of pain, as a cry and as a social practice

---

<sup>1</sup> Ph.D. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). O autor é graduado em Ciências Econômicas pela Unicamp, mestre em Educação pela USP e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas das Políticas Públicas para a Inclusão Social (GEPPIS-USP). Email: [sergiojosecustodio@usp.br](mailto:sergiojosecustodio@usp.br)

inscribed in bodies, sheltered in people's daily lives, a cry that would change the face of the Brazilian university, while questioning ingrained stigmas such as doxa.

**Keywords:** revolution in education, effect of place, periphery, habitus, universityless.

### **DEL MAESTRO MASON DE BOURDIEU A LA CALLE MASON: HABITUS, DERECHO A LA UNIVERSIDAD EN BRASIL.**

**RESUMEN:** El artículo explora la relación histórica entre el efecto de lugar y la evidencia de cambio en la cuestión del derecho a la universidad en Brasil. Se va al concepto ya la práctica social en dos pasos. El objetivo es mostrar la relevancia de la noción de habitus para los estudios en educación, beber de la fuente de este juego conceptual en Pierre Bourdieu, percibir esta noción junto con la noción de efecto de lugar, en términos comparativos, ya sea para la periferia francesa o para la periferia brasileña, en la búsqueda de signos comprensivos del cambio educativo en Brasil, a través de la lucha de flamantes agentes sociales por el derecho a la universidad en los márgenes del campo educativo. La metodología utiliza un estudio conceptual, el paradigma evidencial, el análisis de una muestra de documentos en un curso preuniversitario popular y la derivación de operadores lógicos para el cambio relevante en la educación al margen del campo educativo. La conclusión es la percepción del surgimiento de una revolución en la educación en Brasil, que brota del suelo de la periferia, suelo del dolor, como grito y como práctica social inscrita en los cuerpos, cobijada en el cotidiano de las personas, grito eso cambiaría el rostro de la universidad brasileña, al tiempo que cuestiona estigmas arraigados como la doxa.

**Palabras clave:** revolución en la educación, efecto de lugar, periferia, habitus, los sin universidad.

## INTRODUÇÃO

Um dos maiores méritos de Bourdieu no volume *A Miséria do Mundo*<sup>2</sup> é o protagonismo dado aos seres humanos comuns e seus cotidianos

No capítulo *Efeitos de lugar* (BOURDIEU, 2011, p. 159-214), o cotidiano da periferia dos conjuntos habitacionais dos imigrantes na França, local de revolta massiva de jovens, no geral, filhos de imigrantes, é atravessado por imagens de televisão de revoltas em bairros negros e hispânicos nos Estados Unidos, como se Califórnia, Chicago e o arrabalde francês fossem um só nó, cego e reificado, no sentido negativo. O mosaico ímpar e mutante vivenciado pelos franceses no geral, pelas pessoas comuns do lugar dos acontecimentos, pelos interesses potencializados da cobertura midiática, da grande política e da pequena política, ganha cor singular no enredo enunciado pelos agentes comuns, que com diversos olhares, enxergam, vivem, sofrem e narram suas histórias. Nesses efeitos de lugar o habitus emerge. O problema que se destaca é como romper com as falsas evidências e com os erros inscritos no pensamento substancialista dos lugares, que lhe fixa estigmas, como no caso dos guetos estadunidenses, marcas que ganham asas pela grande mídia? Assombrações a perturbar o cenário mundializado, o capitalismo globalizado?

Há nos efeitos de lugar, o risco da reificação, onde qualquer processo de natureza dinâmica e criativa passa a apresentar determinadas características de um objeto inorgânico, petrificado, com fixidez e automatismo mecânico. O abstrato vira algo material ou concreto. A incorporação insensível das estruturas da ordem social realiza-se, sem dúvida, para uma parte importante das pessoas, através da experiência prolongada e indefinidamente repetida das distâncias espaciais nas quais se afirmam distâncias sociais e também, de modo concreto, através dos deslocamentos do corpo, que essas estruturas sociais, convertidas em estruturas espaciais, na relação entre o centro e a periferia da cidade grande, que assim, naturalizadas, organizam e qualificam socialmente como ascensão ou declínio, entrada ou saída, a aproximação ou o distanciamento em relação a um lugar central valorizado.

Não há panacéias na cena social. O espaço social encontra-se inscrito, impregnado, ao mesmo tempo nas estruturas sociais e nas estruturas internas dos corpos, no subjetivo e no objetivo. O espaço social é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce, na sua forma sutil, por meio da violência simbólica e os seus efeitos reais. Aí ocorrem as disputas pelo espaço, as lutas por poder. Os que não possuem capital são mantidos à distância, tanto física, como simbolicamente. À boa e relativa distância dos bens socialmente mais raros, tanto fisicamente como simbolicamente e, condenados a estar ao lado das pessoas ou dos bens mais indesejáveis e menos raros.

Para Bourdieu, a falta de capital intensifica a experiência de finitude. Ela prende o indivíduo a um lugar. O habitus contribui para construir o habitat através dos costumes sociais mais ou menos adequados que ensaja, estimula, como o capital social de relações e ligações sociais, proporcionando algum capital social pelo efeito de clube, tão importante como os outros capitais (econômico, cultural), pois pode render, pode ser multiplicado. No lugar, o reconhecimento social, pode gerar também um

---

<sup>2</sup> Conjunto de entrevistas realizadas por Pierre Bourdieu e equipe, com cerca de mil páginas na edição original francesa, num projeto de pesquisa financiado por um banco francês que queria um estudo sobre a pobreza e que revela as formas brutas do sofrimento humano percebido na França, particularmente em seus arrabaldes e as tramas sociais que o perpassam, como na revolta dos jovens imigrantes dos “banlieurs”, no começo dos anos 1990, anos de apogeu novo-liberal no mundo, no geral, na França em particular. Tempo histórico em que o Estado de Bem-Estar Social, erigido a duras penas na Europa no pós segunda-guerra mundial, como o caso francês, é colocado em xeque pela onda ultraliberal do mundo.

capital simbólico, como o caso de um líder religioso. É impossível de se prever, no lugar, como se combina o capital econômico, o capital social, o capital cultural, o capital simbólico. Cada capital pode se fragmentar e se multiplicar, ou seja, uma gama variada e variados ângulos caracterizam as posições sociais. A luta pelo espaço se dá ainda de forma coletiva, nas disputas de rumos da política pública de habitação, fonte do poder da construção política do espaço. Na luta pelo direito à universidade?

## PROBLEMA

Como surge a ideia de habitus em Pierre Bourdieu? Como isso vira uma categoria central em seu constructo teórico? Para a educação? Sangue derramado, violência, estigmas rotulam os lugares periféricos urbanos eternamente? A raça importa? Há algo que destoia do rótulo negativo dos lugares nas periferias brasileiras no novo milênio? Dentro do paradigma indiciário, onde aparece sinal disso? O que isso significa?

A hipótese do artigo é que a noção de *habitus* auxilia a compreensão de indícios de mudanças inéditas na história do Brasil no acesso à universidade, numa jornada neste artigo que vai dos mestres pedreiros construtores de catedrais góticas para a Rua dos Pedreiros em Cidade Tiradentes, bairro da periferia no extremo leste da cidade de São Paulo, lugar em que emerge forte a luta pelo direito a universidade no novo milênio no Brasil nas beiradas do campo educacional.

## METODOLOGIA

“Isso é realmente curioso”, diria Watson sobre as teorias “filogenéticas” de Sherlock Holmes. O médico italiano Morelli, ao buscar os autores de quadros em museus na Europa em fins do século XIX; o médico alemão Sigmund Freud, ao vasculhar a mente humana no mesmo período e o coetâneo Conan Doyle, autor de Holmes, tinham algo em comum: a valorização de coisas miúdas, detalhes “bobos”, como a caracterização de uma orelha ou a pintura de uma unha ou o lapso, pistas fundantes de seus achados. O historiador italiano Carlo Ginsburg nomeia isso como paradigma indiciário (Ginsburg, 1986), caminho em que se movimenta este artigo, explorando: a literatura especializada em torno do conceito teórico de *habitus*; seu uso para o entendimento do efeito de lugar; análises indiciais por meio de amostra documental de experiências de cursinhos populares desenvolvidos na periferia de São Paulo.

## DESENVOLVIMENTO

### Panofsky, escolásticos, arquitetura gótica, os mestres pedreiros

Erwin Panofsky (1892-1968) em *Gothic Architecture and Scholasticism*, uma conferência de 1948 (Conferências Wimmer, Saint Vincent Archabbey and College, Latrobe, Pennsylvania), investiga as relações entre a escolástica e a arquitetura gótica, o estudo foi publicado como livro em 1951. Pierre Bourdieu escreveu um posfácio para a edição francesa de 1967 *Architecture Gothique et pensée scolastique, precede le l'abbé Suger de Saint-Denis* e outra versão na edição alemã *Zur Soziologie der symbolischen Formen*, em 1983.

Tudo se passa numa pequena parte do mundo, a Europa e nesse mapa, a França, mais especificamente Paris e um raio de cento e cinquenta quilômetros a seu redor. Panofsky faz uma leitura da forma de pensar e do modo de construir e busca interpretar possíveis conexões. O pensamento migra da centralidade na fé para uma conjugação de fé e razão, como na obra de Santo Tomás de Aquino. O abade Suger, na forma que deu ao seu projeto para a igreja de Saint-Denis, é o registro na construção arquitetônica gótica. A argumentação do autor se dirige para uma percepção do subjetivo presente na ação. O *intuitus*, a perspectiva – que fixa o *intuitus* do criador sobre o objeto e a concepção de espaço imagético por escultores e arquitetos enredam os debates. Afirma Panofsky:

No período entre 1130/40 e próximo de 1270, pode-se detectar, a meu ver, uma relação mais concreta entre a arquitetura gótica e a escolástica do que o simples desenvolvimento paralelo, e, no entanto, mais geral que aquelas (importantíssimas) influências individuais que necessariamente terão sido exercidas por conselheiros instruídos sobre pintores escultores e arquitetos. Em contraste com um mero desenvolvimento paralelo, trata-se, no caso da conexão a que me refiro, de uma verdadeira relação de causa e efeito; entretanto, contrariamente à influência individual, essa relação de causa e efeito resulta de um processo de difusão genérico e não de influência direta. (PANOFSKY, 1991, p. 13-14).

De onde emerge e como essa matriz de pensamento passa a se propagar e ter ascendência hegemônica no debate no campo das ideias? A sustentação se faz pelo moto subjetivo:

Forma-se a partir do que poderíamos denominar, por falta de termo melhor, um hábito mental – através do qual aqui compreendemos esse surrado lugar-comum em seu sentido exato, escolástico, como “princípio que rege a ação”, *principium importans ordinem ad actum*. (PANOFSKY, 1991, p. 14).

O autor consegue isolar, como exceção, uma “força motriz capaz de moldar hábitos mentais e conceber suas formas de mediação”, pois naquela sociedade e situação particular, ou seja, a região próxima a Paris e no auge da arquitetura gótica (1130/40 e próximo de 1270), a escolástica detinha o monopólio da formação intelectual, em função do deslocamento da educação espiritual das escolas monásticas para as semi-eclesiásticas, como as escolas de catedrais, as universidades, e as *studia* das novas ordens mendicantes, como franciscanos e dominicanos, cujos membros tinham papel crescente nas universidades. Já o arquiteto profissional, cidadão também, em oposição ao arquiteto monástico, aprendia seu ofício com os mestres-construtores e supervisionava suas obras pessoalmente, como Pierre de Montereau.

Se no campo escolástico seu apogeu “foi regido pelo princípio do *“manifestatio”*, no campo da arquitetura, o apogeu gótico foi dominado “pelo princípio da transparência”. Comparando, por analogia, Panofsky vê na filosofia do apogeu escolástico a separação rígida da “esfera da fé do âmbito do conhecimento racional, insistindo, porém, em que os conteúdos da fé permanecessem claramente identificáveis” (PANOFSKY, 1991, p. 31).

“Clareza e força probatória dedutiva”, a terceira condição do tratado escolástico, abria possibilidades teoricamente infinitas das estruturas de uma edificação. Outra exigência escolástica é de que elementos individuais, ainda que faça parte de um todo indivisível, “devem realçar sua identidade, de modo a distinguir-se claramente uns dos outros”, como numa edificação: colunas adossadas das paredes ou do núcleo do pilar, nervuras de suas vizinhas e todos os elementos verticais dos arcos, com relação de reciprocidade nítida entre todos.

Panofsky não considera essa visada nem racionalista em sentido funcional, nem ilusória, no sentido da arte pela arte. O *“nam et sensus ratio quaedam est”*, de Tomás de Aquino configura-se uma

espécie de “lógica visual”, onde “quem quer que estivesse impregnado do espírito escolástico”, achava natural que o objetivo dos “componentes de uma catedral gótica fosse a garantia da estabilidade” e de uma “*Summa* visasse sobretudo garantir sua força probatória”. O observador, este outro imaginário, poderia, estruturalmente, uma vez “impregnado do espírito escolástico” refazer o percurso, tanto em sua imaginação, como numa nova empreitada, pois isto lhe abria a chave do pensamento. Uma técnica, que com a adoção da lógica aristotélica, “tornou-se uma arte de alto nível, determinava a forma do ensino acadêmico, o ritual das “*disputationes* de quolibet”. A demonstração probatória, assim se exercia nos tratados escolásticos:

Cada item (por exemplo, o conteúdo de cada articulus na *Summa Theologiae*) tinha de ser formulado como *quaestio*, e sua discussão iniciava-se pelo arrolamento de um conjunto de autoridades (*videtur quod...*), ao qual se contrapunha outro rol (*sed contra...*). Seguia-se então a solução (*respondeo dicendum...*) e, por fim, uma crítica dos argumentos descartados (*ad primum, ad secundum, etc...*), sendo que a recusa se referia apenas à interpretação, e não à legitimidade das autoridades citadas. (PANOFSKY, 1991, p. 48-49).

O método escolástico conduz à formação de um juízo mental, uma arbitragem mental. Ora, os “escolásticos do século XII e XIII” disputavam entre si, mas “aceitavam unanimemente as autoridades” e “consideravam sua própria capacidade de compreensão e avaliação das fontes mais importante do que a originalidade de suas ideias”. Os mestres-construtores das catedrais do apogeu gótico agiam analogamente,

Para esses arquitetos, as construções do passado eram dotadas de uma *auctoritas* comparável àquela que os santos padres tinham com relação aos escolásticos. No caso de dois motivos aparentemente contraditórios, ambos sancionados por autoridades, não se podia simplesmente descartar um em benefício do outro. Tinham de ser elaborados até limites extremos, para, no final, serem novamente conciliados, da mesma forma como era necessário conciliar um pronunciamento de Santo Agostinho com outro de Santo Ambrósio. A meu ver, tal fenômeno é, até certo ponto, responsável pelo desenvolvimento aparentemente errático, porém altamente conseqüente da arquitetura gótica primitiva e do apogeu. Também ela desenvolveu-se segundo o esquema: *videtur quod – sed contra – respondeo dicendum* (PANOFSKY, 1991, p. 50).

Um indício da conexão investigada se apresenta para Panofsky de forma única. Ele mostra “que alguns arquitetos franceses do século XIII pensavam e agiam rigorosamente de acordo com conceitos escolásticos”,

No “Livro da Corporação dos Mestres-Pedreiros”, de Villard de Honnecourt encontra-se o esboço de um conjunto de coro, projetado em comum por ele e outro mestre, Pierre de Corbie, e isso, como explica a inscrição colocada algum tempo depois, inter se disputando. Eis que deparamos aqui com dois mestres-construtores do apogeu gótico, que discutem uma *quaestio*, e com um terceiro, que se refere a essa discussão com o conceito especificamente escolástico de *disputare* (em vez de *colloque, deliberare* ou outro semelhante). E qual é o resultado desta *disputatio*? Um conjunto de coro que une, por assim dizer, todos os possíveis *Sis* com todos os possíveis *Nons*. Nela se combina um de ambulatório de duas naves com um semi-círculo de capelas plenamente desenvolvidas e de profundidade aproximadamente igual. (...) Aqui a dialética escolástica desenvolveu o pensamento arquitetônico a um ponto em que ele quase deixa de ser arquitetônico. (PANOFSKY, 1991, p. 62).

Com esse indício e ampla iconografia, Panofsky conclui sua argumentação. As fontes iconográficas da investigação, como plantas, recortes específicos, pinturas, desenhos e fotos das igrejas góticas, destruídas ou preservadas, foram obtidas da biblioteca nacional (Paris), da livraria britânica (Londres), do *Caisse Nationale des Monuments Historiques*, Paris 16, dentre outros arquivos.

## O posfácio de Pierre Bourdieu

No posfácio à edição francesa do livro de Panofsky, publicada em 1967, Bourdieu faz o primeiro uso do termo “habitus”,

Opor a individualidade à coletividade para resguardar os direitos da individualidade criadora e os mistérios da criação singular, é privar-se de descobrir a coletividade no âmago da individualidade sob a forma de cultura – no sentido subjetivo da cultivação ou de *Bildung* – ou, para utilizar a linguagem de Erwin Panofsky, do habitus que faz o criador participar de sua coletividade, de sua época e, sem que este tenha consciência, orienta e dirige seus atos de criação aparentemente mais singulares (BOURDIEU, p. 1967, p. 342).

Essa visão, perturbadora para os cânones baseados no lastro único da genialidade do indivíduo no processo de criação artística, no geral e, em particular, no caso específico das catedrais góticas, mobiliza variados *constructos* teóricos, ao passo em que dinamita outros.

A temática não é nova e Panofsky sabe disso, como o posfácio de Bourdieu deixa claro. Ocorre que a interpretação dada por Panofsky o é. Esse problema já fora colocado antes de Panofsky (Semper, 1860, Mâle, 1896, Sauer, 1624). Para Bourdieu, Panofsky inova no desenho do problema e na interpretação. A questão é como se faz isto e em que proporção. Serve para uma época toda? Para todo o lugar geométrico no mapa? Não, para Panofsky, diz Bourdieu. E aqui se encontra uma pista da força argumentativa do escrito do historiador da arte.

Trata-se, então, do famigerado *zeitgeist* ou, espírito da época (Hegel; Herder; Klotz)? Ou daquele que fala Max Weber em sua obra: *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*? Não de forma fechada, Bourdieu, no posfácio, aproxima-se mais de Weber, da ideia de “parentesco de escolha”, *wahlverwandtschaft*, “entre diferentes aspectos de uma totalidade histórica”, quais sejam a escolástica e a arquitetura gótica, suas conexões. Bourdieu o faz com tato, de modo interdisciplinar, mobilizando a ideia de “afinidade estrutural dos lingüistas”, chega até o habitus.

Erwin Panofsky esforça-se por descobrir a “conexão (...) concreta” que possa explicar completa e concretamente a lógica e a existência destas homologias; com tal objetivo, Erwin Panofsky não se limita a invocar uma “visão unitária do mundo”, ou “um espírito do tempo”, nem a dar como explicação aquilo que se deve explicar, em mesmo o indivíduo concreto –no caso particular, este ou aquele arquiteto – como lugar da coincidência ou de coexistência das estruturas que, muitas vezes, abriga apenas a ignorância. Propõe a explicação aparentemente mais ingênua (talvez porque ela elimine uma parte do mistério das correspondências) numa sociedade em que a transmissão da cultura é monopolizada por uma escola, as afinidades profundas que unem as obras humanas e, evidentemente, as condutas e os pensamentos) têm seu princípio na instituição escolar investida da função de transmitir conscientemente e em certa medida inconscientemente ou, de modo mais preciso, de produzir indivíduos dotados do sistema de esquemas inconscientes (ou profundamente internalizados), o qual constitui sua cultura, ou melhor, seu **habitus**, ou seja, em suma, de transformar a herança coletiva em inconsciente individual e comum: relacionar as obras de uma época com as práticas da escola, é um dos meios de explicar, não só o que elas proclamam, mas também o que elas traem, pelo fato de participarem da simbólica de uma época e de uma sociedade (BOURDIEU, 2005[1967], p. 346).

Ora, a relação entre escola e prática social se perfaz, passa pelo habitus, modo como a cultura “inculcada” pela escolástica se relaciona com a prática da arquitetura gótica, como revela a obra de Panofsky. Bourdieu mobiliza ainda Noam Chomsky, Ferdinand de Saussure e Wilhelm Von Humboldt em sua sustentação do *constructo* teórico. Referenciado em Chomsky (1965), o habitus é definido por analogia com a gramática generativa ou gerativa, como “o sistema dos esquemas interiorizados que permite engendrar todos os pensamentos, percepções e as ações características de uma cultura, e somente esses”. É a “forma interior” ou o “modus operandi” que é “capaz de engendrar tanto o pensamento do teólogo como os esquemas do arquiteto, o qual funda a unidade da civilização do século XIII”.

Por meio de *L’écriture et la psychologie des peuples*, um estudo comparativo e analítico de Robert Marichal, Bourdieu extrai quatro elementos ou ícones, que ilustram a noção de habitus. Uma janela de



estilo gótico radiante, uma janela de estilo gótico flamejante, manuscritos em letras bastardas, um manuscrito do século XI e um manuscrito universitário parisiense do século XIII. Conclui Bourdieu:

Aliás, a análise de R. Marichal não mostra apenas como se constitui, na atividade diária do copista, o habitus definido pela interiorização dos princípios de clarificação e conciliação dos contrários, mostra também como tal habitus se atualiza concretamente na lógica específica de uma prática particular. (BOURDIEU, 2005[1967], p. 354).

Aqui, outra ocorrência na prática. E, o que vale para os copistas, os arquitetos, pode explicar outras situações relacionais,

(...) o habitus do criador como sistema de esquemas orienta de maneira constante escolhas que, embora não sejam deliberadas, não deixam de ser sistemáticas e, embora não sejam ordenadas e organizadas expressamente em vista de um objetivo último, não deixam de ser portadoras de uma finalidade que se revelará só *post festum*. Esta autoconstituição de um sistema de obras unidas por um conjunto de relações significantes, realiza-se na e pela associação da contingência e do sentido que se faz, se desfaz e se refaz incessantemente, segundo princípios tanto mais constantes quanto mais escapam completamente à consciência. (BOURDIEU, 2005[1967], p. 356-357).

Bourdieu, que não é refém de crenças em ideias puras, mobiliza, portanto, ampla gama de autores. Ele pincela, analisa, situa e tece o constructo habitus em Panofsky, num trançado a muitas mãos, da linguística à história da arte, ideia que continuará abastecendo seu esforço de compreensão sociológica do mundo e do campo educacional.

## A síntese de Hanks

De Aristóteles, Bourdieu conjuga no habitus, a noção de hexis, “disposição individual que combina desejo (intenção) com julgamento (avaliação)”, presente na compreensão dos outros, do mundo social e no discurso. Vem de Merleau-Ponty, da conceituação fenomenológica de habitualidade e esquema corporal, “o deslocamento decisivo da noção de disposição para a noção de corporificação”. Para Hanks,

O esquema corporal de Merleau-Ponty não é nem uma representação do corpo, nem uma mera avaliação de sua dimensão física. Ao contrário, é a *prise de conscience (tomada de consciência)*, o entendimento momentâneo que o sujeito (sic) tem de ser um corpo. (HANKS, 2008, p. 37).

A mobilização, teórica e prática, de que Bourdieu se vale no caso da categoria habitus, encanta pelo caráter interdisciplinar, pela plasticidade da conceituação. Por exemplo, é evidente o peso da formação filosófica do autor e o exercício de sua perscrutante curiosidade pelos assuntos da arte, do corpo e do universo subjetivo, quando ele decide investir na centralidade da ideia de habitus. Não à toa, Lacan, no seminário sobre os quatro conceitos fundamentais em psicanálise, vale-se da ideia do visível e invisível de Merleau-Ponty. Isso desarma, em muito, a crítica de Frangenberg e auxilia a distinguir o habitus como aparece em Panofsky e sua evolução em Bourdieu.

Há sementeira, colheita e nova sementeira na relação entre a obra de Panofsky e Bourdieu, conforme a leitura comparativa de Hanks (2008). Se o primeiro vê hábitos mentais, o segundo enxerga a habitualidade corporificada; se para um é perspectiva avaliativa, para outro é o jogo do olhar, do fitar; o que é desejo/intenção num vira inclinação/postura noutro; o que é produção cultural ganha o sentido de trabalho do corpo; o que é esquema mental torna-se esquema incorporado nos agentes; aquilo que era chamado execução migra para mobilidade; o que se obtinha por meio de treinamento como uma conquista é conseguido através da reprodução; o algo executado em uma prática especializada transforma-se naquilo que é executado na prática ordinária; a relação de sincronia que indica o espírito da época é trocada pela relação de diacronia e emergência; o que era tido como um desenho de espaço

ritualístico para Panofsky ganha o espaço doméstico em Bourdieu; a principalidade da relação, da conexão de sentido, da afinidade eletiva, ao modo de Weber, entre a filosofia (escolástica) e a arquitetura (catedrais góticas) alcança uma nova relação: entre o agente e o campo social ou entre o ator social, sua posição e a relação respectiva com os campos sociais aos quais pertence (como o campo educacional, por exemplo); a ênfase na crença e na ideologia é deslocada pela busca da compreensão da doxa, do apagamento; se o habitus (latim) em Panofsky regula a ação, em Bourdieu o habitus regula a prática (Hanks, 2008, p. 41).

Importa destacar a “não finitude temporal do habitus”, os “espaços cotidianos, como o doméstico”, a “disciplina do corpo (mente, incluída)”, que emergem como elementos de “uma sociologia prática como apagamento e doxa, isto é como a falsa crença de que a sociedade opera pela razão e pelo mérito (apagamento), e como uma adesão acrítica à sua ordem (doxa)”. (Hanks, 2008, p. 43).

Contudo, o habitus só emerge na interação entre os indivíduos e o campo, não tem uma existência isolada, mas relacional, como afirma Bourdieu em seus ensaios sobre arte e literatura. E ele serve, como também sintetiza Patrick Champagne, como um “conceito que visa a tirar todas as conseqüências do fato que o social está inscrito no corpo biológico dos indivíduos.” (Champagne, 2008, p. 56).

Sérgio Miceli, ao abordar o campo intelectual, ilustra e amplifica, na publicação brasileira, as reflexões de Bourdieu:

O terceiro e último momento corresponde à construção do habitus como sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constitui o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes. Tais práticas e ideologias poderão atualizar-se em ocasiões mais ou menos favoráveis que lhes propiciam uma posição e uma trajetória determinada no interior de um campo intelectual que, por sua vez, ocupa uma posição determinada na estrutura de classe dominante. (MICELI, 2005, p. 191).

Para o escopo deste artigo, que reflete sobre si desde o momento mesmo de vir ao mundo, como um moto contínuo, importa muito o diálogo com a prática, num Brasil onde, o ditado popular atesta que “na prática a teoria é outra”. Para tanto, a noção de habitus se presta como valiosa categoria de compreensão, particularmente dos novíssimos agentes da história do Brasil que clamam desde o lugar da periferia urbana dessacralizada dos ritos de rotulação, pelo direito à educação de qualidade, no geral e, à universidade, em particular, pois,

O princípio unificador e gerador de todas as práticas e, em particular, destas orientações comumente descritas como “escolhas” da “vocação”, e muitas vezes consideradas efeitos da “tomada de consciência”, não é outra coisa senão o **habitus**, sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas e que, enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos e de uma determinação, do futuro objetivo e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas. (BOURDIEU, 2005, p. 201-202).

## **A rua dos pedreiros: o caso dos Sem Universidade no Brasil**

É preciso fazer arqueologia, buscar o excluído, o resíduo, andar no tempo para não adoecer com verdades fatalistas e o ordenamento fatalista do tempo que ordena o passado, desaparece com as incertezas que o tempo ampara, empobrece a narrativa histórica, some com as emergências, a diacronia, os agentes, suas dores e humilhações a troco de narrativas verticais, autoritárias, tecnocráticas, de heróis

artificiais, que desenraizam a democracia apartando-a das lutas dos agentes e dos lugares a favor de presentes que descem do céu para os lugares, vício dos agentes da dominação no Brasil.

Logo, é preciso ir até a rua dos pedreiros em Cidade Tiradentes, lugar onde muitas ruas e avenidas homenageiam trabalhadores, como avenida dos têxteis, avenida dos metalúrgicos. Isso não é raro em muitas periferias de grandes cidades brasileiras, como acontece no Bairro Novo Horizonte, em São José dos Campos, como existe rua das domésticas em algumas cidades. É preciso ir até esses lugares da periferia do Brasil em momento da história que antecede mudanças em políticas públicas de educação para o acesso à universidade.

Numa amostra de 96 pessoas, o que se apresenta com suficiência para um indício, um levantamento de dados feito através de questionário objetivo aplicado em projeto de educação popular apoiado pela UNESCO desenvolvido em 2003 com os sem-universidade das regiões de Cidade Tiradentes, Guaianases, Jardim Ângela e Cidade AE Carvalho, bairros localizados na periferia da cidade de São Paulo, fornece elementos da realidade educacional brasileira, particularmente de agentes sociais que lutam pelo direito à universidade, ao que junta atilada escuta. Uma amostra das respostas aparece abaixo organizada em tabelas, de 1 a 7. As tabelas podem ajudar a compreender as posições dos agentes no campo educacional brasileiro e é reveladora de um universo de práticas sociais. Vislumbra-se a conformação de uma massa crítica, entre os agentes, que é portadora de um habitus que opera na direção da quebra do padrão social da reprodução educacional, num emaranhado de contradições sociais e da intersecção de campos, numa emergência na história do Brasil. Nesse item do artigo, importa ver com olhos livres.

Tabela 1. Número e classificação de raça/cor/etnia

<b>Classificação cor</b>	<b>Quantos</b>
A	1
B	36
N	51
ND	8

Tabela 2. Número e classificação de raça/cor/etnia autodeclarada.

<b>Cor declarada</b>	<b>Quantos</b>
Amarela	1
Branca	36
Morena	7
Mulata	1
Não declarada	8
Negra	19
Negra/morena	1
a	
Parda	21
Parda/morena	1

Cor declarada	Quantos
Preta	1

Fonte: Cursinho Popular, 2003.

Tabela 3: Pesquisa dos últimos filmes assistidos e últimos livros lidos.

Sexo	Livro	Filme
F	A Batalha Final	Mais Velozes e Mais Furiosos
F	Estação Carandiru	Justiça em Família
F	O Chefão	Não Lembro
F	O Primo Basílio, Eça de Queiroz	O Todo Poderoso
F	Não sei o livro	Não gosto muito de ver filmes, sou mais assistir o jornal ou ouvir rádio
F	O Diário Secreto de Laura Paumer	Cidade de Deus
F	Estou lendo "Memórias póstumas de Brás Cubas", cujo autor é Machado de Assis	O nome do último filme que assisti em 2003 é Todo Poderoso
F	Não li nenhum livro em 2003	Segundas Intenções
F	Não tive literatura de nenhum	Cidade de Deus (Onde alugamos fita)
F	Laços Eternos	Homens de Honra
F	O Jovem Lennon	O todo Poderoso
F	Memórias Póstumas de Brás Cubas, Machado de Assis	O Auto da Compadecida
F	Tudo tem seu Preço	Sem Sentido
F	O Outro Lado da Meia Noite, Sidney Sheldon	Sem Sentido
F	Matuto- livro de espiritismo	Nenhum
F	Carandiru	A Espera de um Milagre
F	Vinícius de Moraes- Poesias	Não Declarado
F	A Hora da Estrela, com Clarice Lispector	Navio fantasma
F	Carandiru/Capão Pecado	Cidade de Deus
F	Tudo tem o seu preço (Zélia Gaspareto)	Não assisti nenhum filme novo esse ano
F	Ninguém é de Ninguém	O demolidor
F	Carandiru, Dráuzio Varela	Amor à Segunda Vista
F	Madame Bovary	Uma Onda no Ar
F	Apostila do Cursinho do Objetivo	O Jogo da Vida
F	Harry Potter e a Pedra Filosofal	Harry Potter e a Câmara Secreta
F	Você, a Alma do Negócio	Carandiru
F	Reli o " Memórias Póstumas de Brás Cubas ", Machado de Assis e assisti ao filme	Emily Polanski- Francês, e Karáter- Holandês
F	Memórias de um Sargento de Milícias	Matrix
F	Estação Carandiru	Cidade de Deus
F	Quem Mexeu no meu Queijo	O Homem que Capiava
F	O Alquimista, de Paulo Coelho	O Filho da Máfia
F	Força para Viver	Revelação
F	Tonico	Cidade de Deus
F	O Que é Educação Física	A espera de um milagre
F	" O Maior Vendedor do Mundo",	Sinceramente não gosto muito de filmes,

Sexo	Livro	Filme
	de Og Scandino, e " O Mundo de Sofia", do escritor dinamarquês J. Garden	principalmente norte- americanos, pois odeio ter que sustentar as produções cinematográficas desse país (E.U.A.), o último foi ano passado com " Xuxa e os Duendes" e todos os meus primos.
F	Não declarado	Matrix
F	"Construindo Relação de Auto Ajuda" e " Quem Grita Perde a Razão"	Deus é Brasileiro
F	Carandiru e Primo Basílio	Carandiru
F	A Ilíada de Homero	A Espera de um Milagre
F	Tudo Pela Vida, Danielle Still	Olga
F	Nenhum	Fixação
F	Sinais de Vida	Todo Poderoso
F	Vidas Secas, Graciliano Ramos	A Espera de um Milagre
F	Não Declarado	Não Declarado
F	Poesia Completa de Cecília Meirelles	Noiva em Fuga
F	Feliz Ano Velho, Marcelo Rubens Paiva	Carandiru
F	Anne Frank, Segredos do Esconderijo	O Mistério da Libélula com Kevin Costner (alugado)
F	Os Sertões, Euclides da Cunha, e Memória de Carceres, glaciliano Ramos	Carandiru
F	Laços Eternos	Casamento grego
F	Pluft, O fantasminha	As Panteras Detonando
F	Nenhum	Nenhum
F	O Estudante	As Panteras
F	O nome do livro é: Que Raio de Professora sou Eu ?, se eu não me engano é da Editora Moderna.	No cinema foi A Cidade de Deus e em casa foi Lirow e Stiik (Lilo e Stitch), não me lembro muito bem como se escreve.
F	Quando o Passado não Passa(Espiritualista), Elisa Masseli	Cidade de Deus
F	Por enquanto, não tive oportunidade.	O Predador
F	O Livro que eu li em 2003 foi de Português	Todo Mundo em Pânico
F	Depois Daquela Viagem!	Premonição
F	Não costumo ler livros	Stuart Little, com meus filhos
F	Almas Gêmeas, de Mônica Bonfíglio	Estação Carandiru
F	O livro chama-se Vidas Secas	Nenhum filme assisti ultimamente
M	Policarpo Quaresma	Matrix Reloaded
M	Quem Mexeu no meu Queijo	Homens de Honra
M	Não li nenhum livro em 2003	Mais Velozes e Mais Furiosos
M	Mistério na Casa Verde	Carga Explosiva
M	Escolha da Carreira & globalização, de Dulce Whitaker	As Panteras
M	Teorema	Carandiru
M	São Bernardo	A Tempestade do Século
M	Ainda não o terminei-Vivendo no Deserto (Jonh Bevere)	Não declarado

Sexo	Livro	Filme
M	Acho que nessa geração prefiro ler jornal, para ficar mais informado do que se passa.	Matrix
M	não declarado	007
M	Estação Carandiru	O Conde de Monte Cristo
M	As Artes Marciais e as Artes da Gerência	O Senhor dos Anéis
M	Sítio do Pica-pau Amarelo, Monteiro Lobato	Velozes e Furiosos
M	Eu não lembro o nome, mas é tipo uma apostila p/ concurso público tem muitas coisas interessantes	não declarado
M	Do Amor e Outros Demônios, Gabriel Garcia Marques	Por um Fio
M	Contos, Edgar Allan Poe	1984 e O Conde do Monte Cristo
M	O Primo Basílio	Notícias de uma Guerra Particular
M	Nosso Lar	Mar em Fúria
M	A Mão e a Luva, Machado de Assis	Lisbela e o Prisioneiro
M	O Cortiço	Cidade de Deus
M	Não Declarado	Carandiru
M	Programando em C++	The Matrix
M	O Veredicto, de Barry Reed, Editora Livro Jurídico	Não Declarado
M	Não declarado	Carandiru
M	O Bem Amado	Forest Gamp (O Contador de História)
M	Alucinado Som de Tuba	Homem Aranha
M	Não Declarado	Não Declarado
M	Se Houver Amanhã, Sidney Sheldon	Dragão Vermelho, suspense
M	Medo, Problemas, Medo, Desespero	Velozes e Furiosos
M	Quando ele Voltar e O Diário de Sofia	Mais Velozes e Mais Furiosos
M	Macunaíma	Carandiru
M	Incidentes com Altares	Uma Lição de Vida
M	Nenhum, não gosto de ler!	Até as Últimas Consequências
M	Tempo de Notar	Debi e Loyde
M	Não declarado	Sem Limites para Amar

Fonte: Amostra do Cursinho Popular, 2003

TABELA 4: Sexo masculino ou feminino

Sexo	Quantos
F	61

Sexo	Quantos
M	35

Fonte: Amostra do Cursinho Popular, 2003

TABELA 5. Hábitos de estudos.

Habito	Quantos
estudo quando tenho tempo, sem planejamento	38
estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	33
estudo pouco ou só estudo às vésperas das provas	17
estudo regularmente até 4 horas por dia, com planejamento	5
assisto mais televisão do que estudo	1

TABELA 6. Formação dos pais e hábitos de estudos.

pais	Habito	Número de estudantes
minha mãe tem o EF incompleto	estudo quando tenho tempo, sem planejamento	20
meu pai tem o EF incompleto	estudo quando tenho tempo, sem planejamento	19
meu pai tem o EF incompleto	estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	13
minha mãe tem o EF incompleto	estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	11
minha mãe tem o EM completo	estudo quando tenho tempo, sem planejamento	9
meu pai é falecido	estudo quando tenho tempo, sem planejamento	9
minha mãe tem o EF incompleto	estudo pouco ou só estudo às vésperas das provas	8
meu pai tem o EM completo	estudo quando tenho tempo, sem planejamento	8
meu pai tem o EF incompleto	estudo pouco ou só estudo às vésperas das provas	8
minha mãe tem o EM completo	estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	7
minha mãe tem o EF completo	estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	6
minha mãe tem o EM incompleto	estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	5
meu pai tem o EF completo	estudo pouco ou só estudo às vésperas das provas	5
meu pai é falecido	estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	5
minha mãe tem o EF completo	estudo quando tenho tempo, sem planejamento	5
meu pai tem o EM completo	estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	5

<b>pais</b>	<b>Habito</b>	<b>Número de estudantes</b>
minha mãe tem o EF incompleto	estudo regularmente até 4 horas por dia, com planejamento	4
meu pai tem o EM incompleto	estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	4
meu pai tem o EF incompleto	estudo regularmente até 4 horas por dia, com planejamento	3
minha mãe tem o EF completo	estudo pouco ou só estudo às vésperas das provas	3
minha mãe tem o EM completo	estudo pouco ou só estudo às vésperas das provas	3
minha mãe é falecida	estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	3
minha mãe tem o EM incompleto	estudo pouco ou só estudo às vésperas das provas	3
minha mãe tem o ES completo	estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	2
meu pai tem o EM incompleto	estudo pouco ou só estudo às vésperas das provas	2
meu pai tem o EM incompleto	estudo quando tenho tempo, sem planejamento	2
minha mãe é falecida	estudo quando tenho tempo, sem planejamento	2
meu pai tem o EF completo	estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	2
meu pai tem o EM incompleto	assisto mais televisão do que estudo	1
minha mãe tem o EM incompleto	assisto mais televisão do que estudo	1
meu pai é falecido	estudo pouco ou só estudo às vésperas das provas	1
minha mãe tem o EM incompleto	estudo quando tenho tempo, sem planejamento	1
minha mãe tem o EF completo	estudo regularmente até 4 horas por dia, com planejamento	1
minha mãe tem o ES incompleto	estudo quando tenho tempo, sem planejamento	1
meu pai tem o ES completo	estudo quando tenho tempo, sem planejamento	1
meu pai tem o ES completo	estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	1
minha mãe tem o ES completo	estudo pouco ou só estudo às vésperas das provas	1
meu pai tem o EM incompleto	estudo regularmente até 4 horas por dia, com planejamento	1
meu pai tem o EF completo		0
meu pai tem o EM		0



pais	Habito	Número de estudantes
incompleto		
minha mãe tem o EM incompleto		0

Fonte: Amostra do Cursinho Popular, 2003.

TABELA 7. Hábito de estudos e Classificação por raça/cor/etnia.

Hábito	Cor	Número de estudantes
Estudo quando tenho tempo, sem planejamento	N	23
Estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	N	16
Estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	B	15
Estudo quando tenho tempo, sem planejamento	B	9
Estudo pouco ou só estudo às vésperas das provas	B	9
Estudo pouco ou só estudo às vésperas das provas	N	7
Estudo quando tenho tempo, sem planejamento	ND	6
Estudo regularmente até 4 horas por dia, com planejamento	N	3
Estudo regularmente até 4 horas por dia, com planejamento	B	2
Estudo regularmente até 2 horas por dia, com planejamento	ND	2
Estudo pouco ou só estudo às vésperas das provas	A	1
Assisto mais televisão do que estudo	N	1
Não declarado	B	0
Não declarado	N	0

Fonte: Amostras do Cursinho Popular, 2003.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: INDÍCIO DE REVOLUÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL

“A resposta de BOURDIEU ao dilema do objetivismo/subjetivismo, com suas unilateralidades complementares, é dada a partir da sugestão de uma relação articulada entre estrutura, habitus e prática.” (Souza, 2006, p. 43). Com essa pista, aterrissamos no Brasil, mais especificamente num lugar chamado periferia de São Paulo, de modo próximo, em Cidade Tiradentes, AE Carvalho, Guaianases e no Jardim Ângela, no território em que o mapa apontado pelas tabelas anteriores informa, nos arquivos, entre os corpos, em suas práticas.

Algo de novo se mexe no Brasil, novo no sentido sociológico, como percebeu tempos atrás Éder Sader em *Quando novos personagens entraram em cena* (SADER, 1988). A analogia entre os anos 1970/80 e os anos iniciais do novo milênio, aqui se finca, com suas respectivas peculiaridades. De cerca de 300 mil no começo dos anos 1990 à cerca de 2 milhões no começo do novo milênio, os concluintes do ensino médio no Brasil, uma “massa bárbara” para os rotuladores, ao qual se junta o estoque da educação nacional atrás do prejuízo, bate às portas da universidade, são os sem-universidade. Tendo sobre as costas o fardo do desemprego neoliberal e sofrimentos equivalentes ou mil vezes mais

doloridos (como se pudéssemos medir sofrimento humano) do que o caso francês visto em *A Miséria do Mundo*, simplesmente porque no Brasil não houve mostras de um efetivo Estado do Bem-Estar social ao longo do século XX, ao menos que abarcasse o grosso de sua gente. Pisam o chão onde há as minas enterradas nos territórios pelo racismo estrutural.

Nesses lugares, jovens de todas as idades, suas famílias e conhecidos iniciam uma correria rumo à universidade, uma maioria negra, da escola pública, num gesto político multirracial, como ensinava Guerreiro Ramos. O não há lugar eles já têm de saída. Eles e elas estão dispostos a tudo para achar lugar. Estudar muito, arrumar emprego, passar num concurso, melhorar de vida, pôr comida em casa e tirar da invisibilidade social brasileira sua dor. Como diz a bíblia, a probabilidade de sucesso no curso concorrido na universidade pública concorrida é menor que aquela do “camelo passar por uma agulha” ou do que alguém ganhar na loteria no Brasil. Vale mais então a prática coletiva. O preço da mensalidade da universidade privada é outro não jogado na cara. Então, está em jogo uma revolução no Brasil, achar lugar onde não há lugar?

Um habitus emerge com laço social real. Algo diferente do que os pais e os pais dos pais, do Jeferson, do Ronaldo, dos sem-universidade da redondeza fizeram com suas vidas. Os pais lutaram contra a analfabetização imposta no Brasil, desde os tempos da escolástica dos jesuítas que catequizavam indígenas, numa sociedade filha da Contra-Reforma e da escravidão indígena e negra. Os novíssimos agentes da história do Brasil pisam o chão da periferia, respiram, vivem, se apaixonam ali e sonham desde este lugar e seus efeitos para mudar os lugares, como a universidade.

O constructo habitus ora exposto, demonstra sede de vida. É o que elencamos como alento a este fim de artigo, onde se deixa a pergunta da necessidade do entendimento da ação sociológica e cultural destes agentes(sic) no campo educacional brasileiro, os Sem Universidade, ainda que bem à margem nesse campo, quase invisíveis. Os rastros desses novíssimos agentes da história do Brasil, advindos das classes ditas C, D e E, das n-periferias e que pela primeira vez em suas famílias chegam até a universidade na entrada do novo milênio, estão escondidos na poeira da estrada da história do Brasil recente. É o que deixa ver um primeiro olhar sobre as tabelas acima.

Se a síntese de Hanks, como vista, indica a fortaleza do constructo habitus em Bourdieu, o faz remetendo-o ao corpo e à casa dos agentes, ao doméstico. As casas da periferia brasileira, como em lugares de Guaianases, Jardim Ângela, Cidade Tiradentes e AE Carvalho, periferias da cidade de São Paulo, não têm o conforto ideal para os estudos, são quase insalubres, porém, mais que isto, dignas, frutos da luta pelo direito de morar, pano de fundo também presente em grande parte do enredo dos imigrantes dos conjuntos habitacionais franceses da periferia de lá, como relata *A Miséria do Mundo*. Os corpos dos sem-universidade muitas vezes, nestes lugares, são dilacerados pela violência simbólica do cotidiano da desigualdade social brasileira trágica. Mesmo assim, na teimosia social, algo se mexe, subjetiva e objetivamente, de modo coletivo, no exercício da dignidade humana, no redemoinho da luta pelo direito à universidade.

Os indícios expostos, derivados da articulação teórica do *constructo* habitus em Bourdieu e dos novíssimos agentes sociais, os sem-universidade, presentes na realidade brasileira, arrematam este artigo, à moda reflexiva de Bourdieu, instigando à compreensão e com os dados, que sustentam essa argumentação, umbilicalmente presentes, ajudando a explicar a explicação.

O habitus, no dizer de Sérgio Miceli, é “estrutura estruturante” (Miceli, 2005), digamos, presente na invenção de mundos sociais novos, de novas realidades para além do efeito de finitude de lugar. Eis

os indícios de mudança social no Brasil :indício de mudança de postura cultural, com relação a livros e filme; pistas de inequívoca movimentação de negros e negras em direção à universidade; pegadas de mudança no hábito de estudo planejado; sinais da busca de superação dos anos de estudos dos pais; rastros de bandeiras coletivas, de causas coletivas impregnadas nos corpos, nos lugares, em suas práticas, como a luta por alteração na política pública para o acesso à universidade no município de São Paulo, no Estado de São Paulo, no Brasil, como a luta por isenções das taxas dos vestibulares, pela criação de um sistema público de bolsas de estudos em instituições privadas, por uma Lei de Cotas no parlamento brasileiro para o ensino superior público; gotas de suor do enfrentamento da violência simbólica e real cotidiana, como percebido pelo número de pais falecidos que aparecem na amostra.

Fecham-se as cortinas do resgate histórico e teórico da emergência virtuosa do constructo habitus em Bourdieu, paradoxalmente, abre-se o espetáculo brasileiro, onde os corpos dos novíssimos agentes projetam a necessária superação de arraigada, tradicional e desigual estruturação social, superação ou reinvenção feito projeto coletivo mediado pelo habitus incorporado nesses agentes, resumido pela necessidade de não reproduzir os pais em anos de escolaridade, realidade em que os pés dos agentes pisam simultaneamente, o campo educacional brasileiro, o campo político, pelo menos, nos quais, os agentes mobilizam seus respectivos capitais, disputam posições sociais, buscam espaço na estrutura social, um fenômeno que assombra a cena educacional, social e política brasileira no novo milênio, a revolução silenciosa e pacífica que derrubou as cercas de arame farpado das universidades brasileiras e construiu a vitoriosa Lei de Cotas (Lei 12.711/12), em luta ardida no parlamento brasileiro, obras de mãos negras, indígenas, populares, de mãos brancas também, da solidariedade multirracial anti-racista, prática que desafia o epistemicídio, como formulado por Sueli Carneiro, desafia as antigas e arraigadas visões coloniais que pautaram a universidade no Brasil e acomodaram em muito o pensamento crítico brasileiro. A universidade brasileira jamais será a mesma depois disso. Se a história do Brasil foi ou é generosa e acolhedora para com a gente nova que pisa os campi isso são outros quinhentos, tema para um artigo, quem sabe.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain; SCHNAPPER, Dominique. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: EDUSP; Zouk, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática*. Oeiras: Celta Editora, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *Estrutura, habitus e prática* In Panofsky, Erwin. *Architecture Gothique et Pensée Scolastique*, Postface, pp. 135-167, Minuit, Paris 1967 In *A Economia das trocas simbólicas*, pp. 337-361, São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus,1996.
- CHAMPAGNE, Patrick. *Pierre Bourdieu*. Toulouse: Editions Milan, 2008.
- CHOMSKY, Noan. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- GINSBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, pp. 143- 179.
- HANKS, William. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.
- MICELI, Sérgio. *A força do sentido* In BOURDIEU, 2005: I-LXI. São Paulo: Perspectiva.
- PANOFSKY, Erwin. *Arquitetura gótica e escolástica*. São Paulo: Martins Fontes,1991.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SOUZA, Jessé. A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte, Editora da UFMG/IUPERJ, 2006.

#### **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE**

**Os autor declara que não há conflito de interesse com o presente artigo.**

This preprint was submitted under the following conditions:

- The authors declare that they are aware that they are solely responsible for the content of the preprint and that the deposit in SciELO Preprints does not mean any commitment on the part of SciELO, except its preservation and dissemination.
- The authors declare that the necessary Terms of Free and Informed Consent of participants or patients in the research were obtained and are described in the manuscript, when applicable.
- The authors declare that the preparation of the manuscript followed the ethical norms of scientific communication.
- The authors declare that the data, applications, and other content underlying the manuscript are referenced.
- The deposited manuscript is in PDF format.
- The authors declare that the research that originated the manuscript followed good ethical practices and that the necessary approvals from research ethics committees, when applicable, are described in the manuscript.
- The authors declare that once a manuscript is posted on the SciELO Preprints server, it can only be taken down on request to the SciELO Preprints server Editorial Secretariat, who will post a retraction notice in its place.
- The authors agree that the approved manuscript will be made available under a [Creative Commons CC-BY](#) license.
- The submitting author declares that the contributions of all authors and conflict of interest statement are included explicitly and in specific sections of the manuscript.
- The authors declare that the manuscript was not deposited and/or previously made available on another preprint server or published by a journal.
- If the manuscript is being reviewed or being prepared for publishing but not yet published by a journal, the authors declare that they have received authorization from the journal to make this deposit.
- The submitting author declares that all authors of the manuscript agree with the submission to SciELO Preprints.